

Artigo / Article

A nomeação toponímica como forma de exclusão: uma análise dos nomes de avenidas, ruas e travessas da cidade de Oeiras-PI

Toponyms as an exclusionary feature: an analysis on the names of avenues, streets and side streets in the city of Oeiras, state of Piauí

Messias dos Santos Santana 

Universidade Estadual do Piauí, Brasil
messiassantos@ors.uespi.br
<https://orcid.org/0000-0002-7377-3552>

Layane Albuquerque de Moura 

Universidade Estadual do Piauí, Brasil
layanemoura@aluno.uespi.br
<https://orcid.org/0000-0002-1695-8278>

Recebido em: 31/08/2022 | Aprovado em: 07/02/2023

Resumo

O estudo dos nomes próprios de lugares é uma importante fonte para o conhecimento de aspectos sociais, históricos e culturais, do presente ou do passado. Assim, esta pesquisa – que investiga os nomes de vias públicas da cidade de Oeiras, no Piauí – visa a: i) caracterizar os fatores motivadores da denominação toponímica dos espaços analisados; ii) identificar as principais omissões sociopolíticas nas denominações desses espaços urbanos; iii) estabelecer aspectos sócio-históricos de Oeiras revelados nesses topônimos. Para isso, foram analisados 33 mapas de setores censitários e 33 descritivos desses setores, elaborados pelo IBGE para o Censo de 2010. Os resultados indicaram que os nomes de avenidas, ruas e travessas dessa cidade são, quase totalmente, topônimos de natureza antropocultural, e os homenageados, geralmente, são homens e pertencem às classes e atividades profissionais social, histórica e culturalmente privilegiadas.

Palavras-chave: Toponímia urbana • Vias públicas • Motivação toponímica
• Toponímia e conhecimento sócio-histórico • Nomeação e poder

Abstract

The study of proper names is an important access to social and historical aspects that link the present to the past. It also contributes to understanding the connection between them. This research focuses on street names of Oeiras city, state of Piauí, aiming at i) presenting the main motivating factors of such toponymic spaces; ii) identifying the main social and political omissions in the designations of such urban spaces; iii) and establishing the social and historical facts under the denominative process. In order to achieve these goals, 33 maps of local census with respective descriptions, reported by IBGE, in 2010, were analyzed. The results indicated that the names of avenues, streets, and side streets are mainly antropocultural toponyms. As a result, it was evident that the streets named after an anthroponym mostly honor men of privileged classes that performed socially, historically and culturally privileged professions.

Keywords: Urban toponymy • City streets • Toponymic motivation • Toponym and social and historical aspects • Naming and power

Introdução

Quando decidimos colocar um nome em algo ou em alguém, por que o fazemos? E por que, dentre uma lista de nomes disponíveis, escolhemos um e não outro(s)? Questões dessa natureza, há muito tempo, vêm sendo objeto de reflexão, em diversas áreas do conhecimento. Em Filosofia, por exemplo, estão na base das divergências entre convencionalistas e naturalistas, tal como ocorre no *Crátilo* (PLATÃO, 2014), ou da noção de sentido e referência em Frege (2009). Em Linguística também podem ser encontradas, nas discussões empreendidas por Saussure (2006) acerca da motivação e da arbitrariedade do signo linguístico.

No âmbito da Onomástica, tendo em especial referência a Toponímia, por sua vez, as respostas para essas questões estão diretamente relacionadas com o que se convencionou chamar de *motivação*:

“Todavia, ainda que, na língua, o signo participe, genericamente, de uma natureza convencional de significação, ao se aplicar o mesmo princípio à Toponímia notar-se-á uma diversidade de aspecto: o elemento lingüístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de *motivação* onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada. (DICK, 1990, p. 34, grifo do autor).

Assim, “[...] o que era [um signo] *arbitrário*, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente *motivado* [...]” (DICK, 1990, p. 38, grifos do autor). A escolha de um nome, em vez de outro(s), ocorre em razão de entre o nome escolhido e o lugar nomeado ser percebido um tipo de relação, justificada seja pela intenção daquele que atribui o nome, seja pela própria significação que já possui o signo, ou como afirma Dick (1990):

LINHA D'ÁGUA

O duplo aspecto da motivação toponímica transparece, assim, em dois momentos:

- primeiro, na *intencionalidade* que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado *nome* para este ou aquele acidente geográfico;
- e, a seguir, na própria *origem* semântica da *denominação*, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas (DICK, 1990, p. 38-39, grifos do autor).

Nesse sentido, o próprio fato de haver, no Piauí, uma cidade chamada *Oeiras* revela uma motivação, uma intencionalidade, como diz Dick (1990), por parte do governante à época: o nome *Oeiras* substitui o nome *Moucha* (com as variações *Mocha* e *Mouxa*), no ano de 1761, como forma de homenagear Sebastião José de Carvalho e Melo, à época, secretário de Estado do Reino de Portugal, o qual era Conde de Oeiras. Outro exemplo de motivação toponímica ocorre em relação ao nome da Capitania do Piauí, ao qual se incorporou o nome *José* – como forma de homenagear o rei de Portugal, D. José I –, passando a ser denominada Capitania de São José do Piauí¹. Em ambos os casos, os nomes até então empregados foram substituídos ou receberam acréscimo, por influência de personalidades políticas de grande relevância no período em questão.

Tendo, pois, o signo toponímico sob essa perspectiva, propõe-se, ao longo deste texto, discutir a toponímia urbana de Oeiras, em especial, os nomes das vias públicas, visando a: i) caracterizar os fatores motivadores da denominação toponímica dos espaços analisados; ii) identificar as principais omissões sociopolíticas nas denominações desses espaços urbanos; iii) estabelecer aspectos sócio-históricos de Oeiras revelados nesses topônimos. Para o seu desenvolvimento, foram analisados todos os nomes² de avenidas, ruas e travessas da cidade de Oeiras, elencados nos 33 mapas de setores censitários urbanos (construídos em escala de 1:3,430) e nas 33 descrições desses setores³, elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia

¹ “Em virtude da C. R. de 29 de julho de 1758, criando a capitania do Piauí independente da do Maranhão, foi a vila da Mocha, que então era a sua maior povoação, designada para sede do novo governo; e com o título de cidade, pela C. R. de 19 de junho de 1761, sendo o nome de Mocha mudado pelo de Oeiras, por ato do governador João Pereira Caldas datado de 13 de novembro do mesmo ano, sem dúvida em homenagem ao conde de Oeiras, depois marquês de Pombal, que era então ministro e secretário de Estado de el-rei dom José I, soberano reinante, em honra de quem impôs o mesmo governador à capitania o nome de São José do Piauí”. (PEREIRA DA COSTA, 1974, p. 83).

² É importante destacar que os nomes analisados nesta pesquisa são os atribuídos e existentes até o ano de 2010. Obviamente, as análises aqui apresentadas não contemplam as nomeações toponímicas posteriores ao referido ano.

³ De acordo com o Manual do Recenseador, publicado no ano de 2010 (IBGE, 2010a), um “Mapa do Setor é a representação gráfica da área geográfica a ser recenseada, auxiliando a localização durante o trabalho de campo” (*op. cit.*, p. 28); já a descrição desse setor é a transposição da imagem contida no mapa em palavras: “O mapa do setor virá acompanhado da Descrição do Perímetro do Setor, isto é, de *um texto que define todo o limite da sua área de trabalho: o perímetro do setor*” (*op. cit.*, p. 38, itálico nosso).

e Estatística (IBGE), para a realização do censo demográfico de 2010⁴, os quais podem ser encontrados em versão digital (IBGE, 2010b)⁵.

A escolha pelo estudo das vias públicas, em vez de outros espaços urbanos, como praças e escolas, deveu-se, primeiramente, ao fato de que, historicamente, as vias de circulação surgem antes desses espaços. Além disso, trata-se de um espaço democrático, aos quais todas as pessoas – independentemente das condições sócio-econômicas –, em todos os dias, têm acesso, inclusive são elas que possibilitam o deslocamento até à escola, ao parque, à praça, ao cinema, aos hospitais etc., ou, como afirma Dick (1997, p. 133) – referindo-se à rua, mas que aqui ampliamos para as avenidas, travessas etc.: “A rua é um ponto singular de atração da cidade, um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. Para ela tudo converge, desde o fato corriqueiro do dia-a-dia, o simples entra e sai das casas até as grandes comemorações solenes ou festivas.”

Por fim, a investigação dessa temática também é justificada pelo fato de os estudos sobre a toponímia urbana de Oeiras serem escassos: o estudo existente (SOARES FILHO, 1994) possui muito mais característica de relatório – por apresentar os nomes das ruas e a descrição dos homenageados – que de estudo científico, por faltar-lhe fundamentação na área da Toponímia, assim como uma análise crítica em relação à realidade toponímica encontrada.

Antes, no entanto, dos resultados de nossa investigação, apresentaremos uma breve contextualização acerca de Oeiras, a fim de oferecer mais subsídios para as discussões que serão apresentadas⁶.

Essa cidade tem sua origem a partir de um núcleo populacional fundado pelo colonizador na segunda metade do século XVII. Em fins desse mesmo século (1697), esse povoado é elevado à categoria de freguesia, com o nome de Mocha, sob a invocação de Nossa Senhora da Vitória, tornando-se vila, com o mesmo nome, em 1712, sendo instalada somente cinco anos mais tarde (1717). Torna-se cidade, com o *status* de capital da província, no ano de 1761, permanecendo, assim, até o ano de 1852, quando a sede do governo é transferida para a Vila do Poti, que passou a chamar-se Teresina.

⁴ Muitas vezes ocorre de, em uma cidade, determinado espaço público possuir um nome oficial, mas as pessoas referirem-se a ele empregando outro nome. No caso dos nomes aqui analisados, no entanto, todos são nomes oficiais: “Para as pesquisas do IBGE, deve prevalecer sempre o nome oficial do logradouro, reconhecido pela Prefeitura do município.” (IBGE, 2010a, p. 36).

⁵ Todos os documentos que aqui serão objeto de análise podem ser acessados no seguinte endereço eletrônico: https://geofp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_e_descritivos_de_setores_censitarios/PI/. As versões analisadas foram as seguintes: 220700905000001 a 220700905000022; 220700905000027; 220700905000042; e 220700905000047 a 220700905000055; as numerações que faltam (e outras) correspondem aos mapas e descritivos de setores rurais, os quais não são objeto desta investigação.

⁶ As informações aqui apresentadas baseiam-se, sobretudo, nos seguintes autores: Pereira da Costa (1974); Mott (2010); Brandão (2015); e IBGE Cidades.

Do ponto de vista econômico, Oeiras desenvolveu-se, em razão dessas origens remotas, dentro do sistema colonial, inclusive, com a presença de pessoas escravizadas vindas da África. Sua principal atividade econômica foi a criação de gado *vacum*, sendo inúmeras as fazendas que se estabeleceram nessa região. Após deixar de ser capital, Oeiras entrou em um longo período de instabilidade econômica, mas restou constituído todo um conjunto de estruturas sociais, políticas e religiosas que persistem, em certa medida, até os dias atuais.

Em relação à sua extensão territorial, possui a décima sétima maior extensão do estado, com uma área de 2.703,138 km², da qual 11,50 km² estão localizados em área urbanizada. Sua população estimada em 2021, pelo IBGE, foi de 37.138 habitantes, com uma taxa de 10,8% da população ocupada e com 49,1% de seus habitantes tendo rendimento mensal de até meio salário mínimo.

1 A Toponímia e sua importância para o conhecimento sócio-histórico e cultural

A nomeação é um dos pontos principais na discussão acerca da relação entre a língua e a realidade. Quanto aos nomes próprios, objeto de estudo da Onomástica, muitas vezes, por empregá-los com grande frequência, não conseguimos perceber a diversidade de informações associadas a eles, seja do âmbito social, seja do histórico, seja do cultural.

Dessa forma, os estudos sob a perspectiva da Onomástica revestem-se de grande importância, pois, ao dialogar com os conhecimentos produzidos por outras áreas do saber, contribuem para uma compreensão mais adequada da língua e da sua relação com a realidade. Com isso, possibilitam resgatar, por meio do estudo dos antropônimos (nomes de pessoas) e topônimos (nomes de lugares), dados sobre a língua, a sociedade, a história e a cultura de um povo, trazendo à luz fatos e ocorrências muitas vezes desconhecidos⁷.

Ainda nessa perspectiva e tendo em atenção, especificamente, a Toponímia, ramo da Onomástica que se dedica ao estudo dos nomes próprios de lugares, Dick (1990, p. 35-36) destaca o seu caráter interdisciplinar, afirmando que “Antes de tudo, a Toponímia é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. Nesse sentido, os nomes de lugares devem ser percebidos, também, como *espaços de memória* e *espaços de poder*, para que, assim, possam

⁷ De acordo com Seabra e Isquierdo (2018, p. 993-994), “Os estudos onomásticos remetem ao nosso passado, a nossas origens, por isso, despertam, desde sempre, a curiosidade não só de estudiosos, mas de todas as pessoas em geral. Ultrapassando a mera função nomenclatória, os nomes de pessoas e os nomes de lugares são produtos de um sistema de denominação que reflete o modo de viver de uma cultura e a maneira desta representar os seus valores. Embora nos pareçam familiares porque os conhecemos e deles, habitualmente, fazemos uso, quando paramos para pensar sobre a natureza dos nomes próprios de pessoas e lugares, nos damos conta de que, quase sempre, são de significados incompreensíveis, estranhos para nós, mesmo designando pessoas e lugares conhecidos”.

ser “Vistos como símbolos carregados de significados, [pois] os topônimos fazem parte da identidade coletiva de uma comunidade e, por isso, refletem as marcas do saber cultural e histórico deixadas no espaço onde foram inseridos” (SEABRA; FARIA, 2016, p. 603). Isso é algo, de certa maneira, até evidente, já que “Em uma formação social, há concepções dominantes. Essas concepções, transferidas para as denominações de lugares, influenciam o meio social, revelando padrões vigentes e dominantes da época, e revelando relações de poder” (FAGGION; MISTURINI, 2014, p. 146).

Enfim, os estudos sob a perspectiva da Toponímia contribuem para que possamos compreender, de modo mais amplo, o porquê de muitas denominações terem sido aplicadas e conservadas, bem como as relações de poder existentes e os padrões dominantes em uma sociedade. E a cidade é um espaço repleto de relações de poder, evidenciadas quer em suas obras públicas, quer nos nomes que lhes são dados:

A cidade é um lugar onde se inscrevem essas marcas do poder, ela é como um palimpsesto, cada demolição, cada nome de rua ou praça que se foi, ressurgiu pela lembrança, ou se revela através de um signo que permanece capaz de fazer aflorar, de recompor na memória o que foi. Por isso toda construção ou monumento inserido no espaço urbano é capaz de expressar um pensamento, um sentimento, pois é dotado de uma simbologia, que por sua vez comporta representações múltiplas sobre relações de poder (SANTOS, 2020, p. 624).

Tendo em evidência esse aspecto, os estudos sob a perspectiva da Toponímia têm buscado, recentemente, superar a descrição puramente linguística dos topônimos e focalizado, cada vez mais, as relações dos topônimos com as estruturas de poder e com a ideologia (BOULLÓN AGRELO, 2019; ROSE-REDWOOD; ALDERMAN; AZARYAHU, 2009). Trata-se da Toponímia Crítica, cujo desenvolvimento deu-se, segundo Azaryahu (2012),

Inspired by earlier works focusing on ideology, identity and landscape symbolism, the ‘critical turn’ in the study of toponymy in the last two decades has redirected attention so that place names are not mere signifiers of ‘objective facts’ in space, but are embedded into systems of meaning and partake in social and ideological discourses. Concerned with questions of power relations, language and identity, the critical study of toponyms has focused on ‘the power to define the meanings that are to be read into and out of the landscape’ (AZARYAHU, 2012, p. 387-388).

Essa abordagem tem conseguido demonstrar que os nomes de lugares são carregados de relações de poder (AZARYAHU, 2012). Dessa forma, a Toponímia Crítica se adequa ao estudo da toponímia urbana, na qual a nomeação se dá por iniciativa política:

A língua, nesse tipo de denominação, não é cunhada pela fala e depois oficializada: advém de um poder construído que dela se vale como instrumento para exercer o poder. Elencos específicos de topônimos nessas condições assumem características expressivas de posições ideológicas e contribuem para o apagamento de posições contrárias, impondo visões a gerações futuras e erradicando histórias passadas [...]. (CARVALHINHOS, 2022, p. 16).

Ainda no âmbito da relação entre nomeação e poder, mas tendo, agora, como foco a cidade de Oeiras, é importante considerar que os nomes a serem colocados em suas vias

públicas devem passar, segundo a Lei Orgânica Municipal de Oeiras, pela decisão exclusiva dos representantes do povo, o prefeito e os vereadores. Assim, um aspecto que deve ser destacado, nessa lei, relaciona-se ao fato de que a proposição dos nomes de tais vias deve ser feita pelo prefeito, por meio de um projeto de lei: “**Art. 80.** Compete privativamente ao Prefeito do Município: [...] XVIII - a iniciativa de projetos de lei relativo[s] à *denominação de* próprios, vias e logradouros públicos” (OEIRAS, 1990/2014, [p. 27], **negrito no texto; itálico nosso**). Aos vereadores cabe aprovar ou não esse projeto: “**Art. 45.** Compete à Câmara Municipal, com a sanção do Prefeito [...] dispor sobre as matérias de competência do Município, e especialmente sobre: [...] VIII - *denominação de* próprios, vias e logradouros públicos” (OEIRAS, *op. cit.*, [p. 15], **negrito no texto; itálico nosso**).

Destaca-se, por fim, que não há expressa, na Lei Orgânica Municipal de Oeiras, a obrigatoriedade de a população ser consultada nas situações em que o poder público intenta nomear pela primeira vez (ou substituir um nome já consolidado) as vias pelas quais circula, tornando esse processo inteiramente sujeito à vontade dos políticos locais. Assim, sem a participação popular, a prática de nomeação dos espaços, em particular das vias públicas, fica ainda mais caracterizada como um lugar de excelência de imposição do poder sobre os espaços (PINCHEVSKI; TORGOVNIK, 2002 *apud* BERG; VUOLTEENAHO, 2009, p. 1). E, com isso, verifica-se, cada vez mais, que “[...] o topônimo serve de emblema a determinado viés político e convém para fortalecer uma narrativa” (CARVALHINHOS, 2022, p. 24).

Orientados, portanto, por esse arcabouço teórico, vamos conhecer o que a toponímia das vias públicas de Oeiras nos diz sobre essa cidade e de como elas (a toponímia e a cidade) se relacionam ou têm se relacionado com as pessoas que a habita(ra)m.

2 As vias públicas de Oeiras e a motivação toponímica

A investigação aqui empreendida sobre os mapas dos setores censitários e as suas respectivas descrições permitiu a verificação de que as vias públicas⁸ de Oeiras são de três tipos: avenidas, ruas e travessas. Apesar de ser consenso que ruas, avenidas e outros semelhantes elementos da morfologia urbana são diferentes entre si, há especialistas que empregam a palavra “rua” como hiperônimo de todos esses termos. Desse modo, avenidas, travessas etc. também seriam tipos de “rua”:

It is through the streets system (in the generic sense, including avenues, boulevards...) that we travel, and start to know, a city. Streets define the different street blocks that constitute a city and distinguish what is public, and is therefore accessible to all citizens, from what is private or semi-public. Streets are, in broad

⁸ Entenderemos *vias públicas* consoante à definição de *via urbana* presente no Código de Trânsito Brasileiro (BRASIL, 1997), em seu Anexo I, isto é, “[...] ruas, avenidas, vielas, ou caminhos e similares abertos à circulação pública, situados na área urbana, caracterizados principalmente por possuírem imóveis edificados ao longo de sua extensão”.

terms, the public and democratic space of the city, the place where we all met, with all our differences, and where we all interact in social terms. [...].

There is a wide variety of streets, with different shapes and sizes, with different ways of relating with the other streets in the surroundings, and also with different urban functions. (OLIVEIRA, 2016, p. 15).

Essas diferentes “ruas” são, no entanto, distinguidas umas das outras a partir de características como tamanho e importância que possuem na promoção da circulação das pessoas e dos automóveis⁹. Assim, para Cowan (2005), enquanto a rua (em inglês *street*) é um espaço público destinado a pedestres e a veículos, em torno do qual se erigem outros espaços (públicos ou privados) – “*street* 1 A public space used as a pedestrian or pedestrian and vehicle route (with pavements or shared surfaces) on to which buildings or public spaces open. Compare ROAD. 2 A public thoroughfare and the houses along it.” (COWAN, 2005, p. 374, grifos do autor) –, a avenida (*avenue*) é uma rua larga – “*avenue* 1 A wide street. 2 A road lined with trees. 3 A drive leading to a country house” – (COWAN, 2005, p. 22, grifos do autor). Semelhante caracterização encontra-se em Zoido Naranjo *et al.* (2000, p. 56, grifos do autor), que dizem: “Por un lado, suele haber una matización explícita en la propia denominación de las vías urbanas. La anchura es un criterio muy común, de modo que el término *avenida** presupone una sección amplia, superior siempre a la de la calle, que a su vez es más ancha que un *callejón*”.

Este mesmo autor, em outra passagem de seu texto, apresenta informações que deixam patente as diferenças entre a forma e as funcionalidades de uma avenida, quando comparada a outros tipos de vias públicas:

Vía urbana ancha, generalmente larga y de trazado rectilíneo que conduce hacia el centro de un núcleo urbano, a un equipamiento o edificio de interés general (*estaciones** de transportes públicos) o a un paraje determinado. En numerosas ocasiones ha sido concebida para facilitar la circulación entre el centro y la periferia, aunque también se puede utilizar para la realización de desfiles, manifestaciones o actos festivos, cuando finaliza frente a las sedes representativas del poder. Las avenidas poseen una anchura superior a la mayoría de las calles de una población, pueden estar arboladas o no y divididas por una mediana o paseo central que separa las dos direcciones de la circulación rodada. (ZOIDO NARANJO *et al.*, 2000, p. 42, grifo do autor).

Sob essa perspectiva, é possível estabelecer, portanto, uma espécie de hierarquia entre as vias públicas, em que as avenidas seriam mais importantes que as ruas, e essas, que as travessas, por exemplo. Tal hierarquização também pode ser identificada no Brasil, conforme expresso no *Manual de projeto geométrico de travessias urbanas*, que assim conceitua cada uma dessas vias: “*Avenida* – designação dada a uma rua, em geral mais larga, dotada de características especiais (grande extensão, existência de canteiro central, importância histórica etc.)” (BRASIL, 2010, p. 30, grifo do autor); “*Rua* – no sentido mais geral, é uma via pública,

⁹ No Brasil, não há uma legislação que defina ou caracterize essas diferentes vias, de modo que fica a critério de cada município indicar o que será avenida, rua ou travessa etc.. Como consequência, nos municípios brasileiros, as vias públicas (a exemplos das aqui citadas) apresentam, geralmente, configurações distintas.

em área urbana, com ou sem calçadas e meios-fios, destinada ao trânsito de pedestres, veículos ou animais” (BRASIL, 2010, p. 36, grifo do autor); “*Travessa* – rua secundária, geralmente estreita e curta, transversal entre duas outras mais importantes.” (BRASIL, 2010, p. 38, grifo do autor).

Se a distinção entre os tipos de vias públicas envolve questões como visibilidade e importância, a sua nomeação também não poderia deixar de ser afetada por fatores de ordem social, histórica e cultural, pois “Por vezes, não é suficiente desfrutar o poder. Há que registrar sua marca no território, e, neste caso, os nomes geográficos são utilizados para este fim” (IBGE, 2010c, p. 8).

Passemos, então, à descrição das vias públicas de Oeiras, a fim de que possamos explicitar o que elas nos revelam.

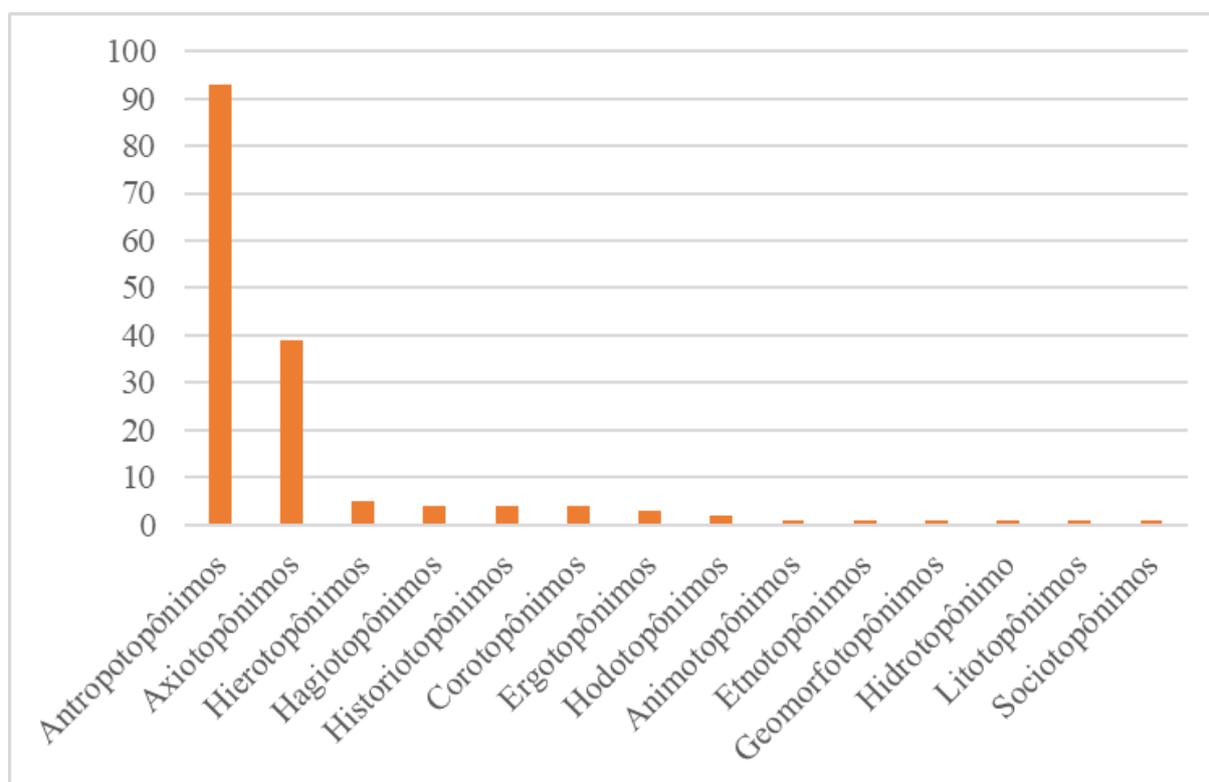
2.1 As avenidas, ruas e travessas de Oeiras-PI: o que nos dizem?

Ao longo do *corpus* selecionado para o desenvolvimento desta pesquisa, foram identificados 160 topônimos, assim distribuídos: 25 são nomes de avenidas; 112, de ruas; e 23 referem-se a travessas.

Do ponto de vista da taxonomia¹⁰, apenas três não são de natureza antropocultural, mas de natureza física: trata-se dos topônimos *Rua do Morro*, *Rua da Bica* e *Rua Pedreira*. Por sua vez, dentre os topônimos de natureza antropocultural, diversas são as categorias que se encontram representadas no *corpus* em análise, conforme se verifica no gráfico a seguir (incluimos, aqui, também, os topônimos de natureza física)¹¹:

¹⁰ Em relação à taxonomia dos topônimos em análise, seguiremos a proposta apresentada por Dick (1992). Nesse sentido, entenderemos por *topônimo de natureza física* aquele que faz referência à natureza e a tudo que nela existe e que não tenha sofrido a ação humana. Do mesmo modo, serão considerados de *natureza antropocultural* os que fazem referência às pessoas, seja nomeando-as, seja caracterizando-as, seja referindo-se a algo que resulte da intervenção humana (DICK, 1990; DICK, 1992).

¹¹ Em alguns casos, o enquadramento de um topônimo em uma taxa é uma tarefa que oferece bastantes dificuldades. Daí, Isquierdo e Dargel (2020, p. 235) afirmarem: “Alguns topônimos podem facilmente ser agregados a uma ordenação, mas outros, por ausência de informações exatas sobre as circunstâncias que envolveram o denominador no ato designativo, não são passíveis de serem incorporados a um modelo de classificação”. No *corpus* aqui em análise, isso pode ser verificado, dentre outros exemplos, com os topônimos *Travessa Floriano Peixoto*, *Rua Juscelino Kubitschek* e *Rua João Paulo II*, figuras que entraram para a história em razão das funções institucionais que exerceram: os dois primeiros foram presidentes do Brasil; o último, papa da Igreja Católica. Em ocorrências desse tipo, optamos por uma classificação baseada apenas na estrutura do topônimo analisado, desconsiderando quer o papel histórico, quer a função exercidos pelos envolvidos, os quais são de conhecimento de uma grande parcela da população. Tal postura foi adotada na tentativa de termos um critério uniforme, uma vez que existem, nesse mesmo *corpus*, outros topônimos referentes a personagens históricos que também se notabilizaram por causa da função que exerceram e que, ao serem homenageados, tiveram os seus “títulos” destacados, como ocorre, por exemplo, em *Avenida Presidente Costa e Silva*, *Rua Presidente Getúlio Vargas* e *Avenida Dom Edilberto Dinkelborg* – os dois primeiros também foram presidentes do Brasil; o último foi um bispo com importante atuação na Igreja Católica de Oeiras.

Gráfico 1. Produtividade taxeonômica dos topônimos referentes às vias públicas de Oeiras

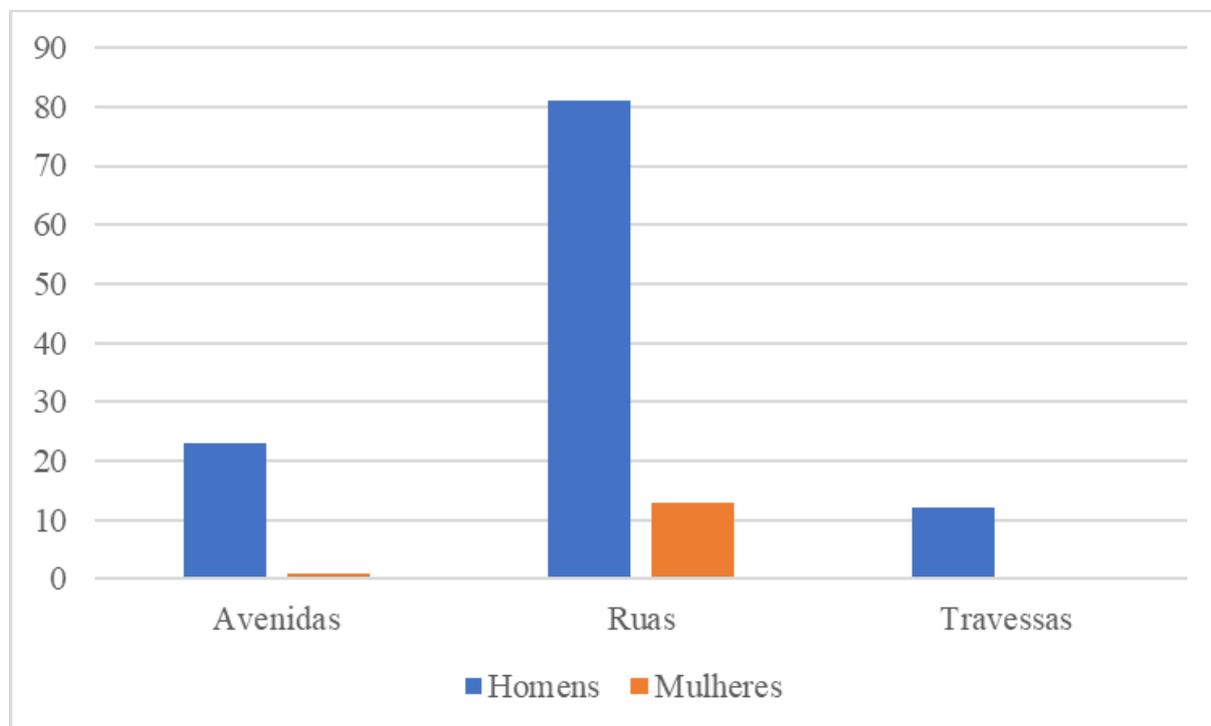
Fonte: Elaborado pelos autores

Esse gráfico nos mostra que os antropotônimos correspondem a mais da metade dos nomes identificados, em um total de 93 ocorrências, ou 58,1%¹². A segunda categoria mais frequente é a dos áxiotônimos; nela, foram identificados 39 nomes de avenidas, ruas e travessas, o que corresponde a 24,4% do total de ocorrências. Vêm na sequência, com cinco ocorrências – ou 3,1% –, os hierotônimos. As demais categorias, ainda conforme o Gráfico 1, são muito pouco frequentes: corotônimos, hagiotônimos e historiotônimos, por exemplo, representam, cada uma, apenas quatro ocorrências, ou 2,5% do total de topônimos. Com três ocorrências – ou 1,9% –, temos os ergotônimos. Menos frequentes ainda são as ocorrências de hodotônimos, presentes em somente duas ocorrências, o que equivale a 1,3% dos topônimos em análise. Por fim, com uma ocorrência (ou 0,6%) cada, encontram-se as categorias animotônimo, etnotônimo, geomorfotônimo, hidrotônimo, litotônimo e sociotônimo.

¹² Por haver, em algumas ocorrências, números muito distantes entre si em termos absolutos (por exemplo: 88 e 1), a porcentagem referente aos números menores, caso optássemos pela indicação com números inteiros, ficaria igual a 0%, como nas ocorrências de geomorfotônimos e animotônimos, o que não seria aceitável, uma vez que esse dado poderia levar à conclusão que não foram encontrados topônimos dessas taxonomias, sendo que, efetivamente, foram encontrados exemplos deles nos nomes das vias públicas de Oeiras. Por isso, para fazer o cálculo dos dados percentuais, consideramos os números com até uma casa decimal.

Por fim, verifica-se que há uma enorme discrepância entre os homenageados, quando o fator analisado é o sexo, conforme Gráfico 2:

Gráfico 2. Distribuição das pessoas homenageadas nos nomes das vias públicas de Oeiras por sexo



Fonte: Elaborado pelos Autores

Estes dados indicam que, independentemente do tipo de via analisado (avenida, rua ou travessa), as mulheres sempre constituem minoria entre os homenageados: 23 para uma nas avenidas; 81 para 13 nas ruas; e 13 para nenhuma nas travessas. Isso, por sua vez, vai de encontro à realidade de Oeiras, já que a sua população desde os anos de 1980 é, em sua maioria, constituída por mulheres, conforme mostram os dados dos quatro últimos censos divulgados pelo IBGE (1980; 1992; 2000; e 2010d), apresentados na Tabela 1:

Tabela 1. População residente em Oeiras entre 1980 e 2010, distribuída por sexo

Ano	Total	Homens	Mulheres
1980	47.319	23.107	24.212
1991	51.891	25.198	26.693
2000	33.910	16.371	17.539
2010	35.640	17.041	18.599

Fonte: Elaborada pelos Autores

Tendo em consideração essas informações gerais, passaremos, na sequência, às análises individualizadas de cada uma das vias públicas identificadas na cidade de Oeiras.

2.1.1 Andando pelas avenidas de Oeiras

O *corpus* analisado indica a existência de 25 avenidas em Oeiras. No quadro a seguir, apresentamos os seus nomes, fazendo-lhes acompanhar uma breve caracterização acerca do(a) homenageado(a), assim como a taxonomia do topônimo:

Quadro 1. Avenidas de Oeiras em 2010

Avenida	Perfil do homenageado ¹³	Taxonomia
Abdias Neves	Professor, político, jornalista e magistrado	Antropotopônimo
Antônio Francisco Nogueira Tapety	Grande fazendeiro, comerciante e político	Antropotopônimo
Benedito Carmo	Artista, barbeiro, marceneiro e delegado de polícia	Antropotopônimo
Benedito Martins	Magistrado, fazendeiro e político	Antropotopônimo
Cândido Aleixo	Comerciante, proprietário urbano e marceneiro	Antropotopônimo
Cônego Cardoso	Padre secular e cônego da Igreja Católica	Axiotopônimo
Desembargador Cândido Martins	Magistrado, político e proprietário urbano e rural	Axiotopônimo
Dom Edilberto Dinkelborg	Frei da Ordem Franciscana e bispo da Igreja Católica	Axiotopônimo
Dom Expedito Lopes	Padre secular e bispo da Igreja Católica	Axiotopônimo
Doutor da CEPISA	–	Axiotopônimo
Doutor Isaías Coelho	Médico	Axiotopônimo
Doutor José Tapety	Comerciante, proprietário rural e político	Axiotopônimo
Duque de Caxias	Militar e político brasileiro	Axiotopônimo
Edivar Santana	–	Antropotopônimo
Floriano Peixoto	Militar e político (ex-presidente da República)	Antropotopônimo
Francisco de Abreu	Funcionário público, fazendeiro e comerciante	Antropotopônimo
Manoel Lucas	–	Antropotopônimo
Natu Reis	Comerciante, fazendeiro e político	Antropotopônimo
Petrônio Portella	Advogado, professor e político	Antropotopônimo
Presidente Costa e Silva	Militar e político (ex-presidente da República)	Axiotopônimo
Professora Maria do Amparo	Professora	Axiotopônimo
Rui Barbosa	Jornalista, político, jurista e escritor	Antropotopônimo
Santos Dumont	Cientista e aviador	Antropotopônimo
Teresina	Capital do Piauí	Corotopônimo
Totonho Freitas	Comerciante e político	Antropotopônimo

Fonte: Elaborado pelos Autores

¹³ Por não termos conseguido acesso, em tempo hábil, aos projetos de lei através dos quais essas vias foram nomeadas, nos quais deve haver a apresentação de um perfil do homenageado, as informações presentes na coluna *Perfil do homenageado*, no Quadro 1 – assim como as dos Quadros 2 e 3 –, foram extraídas das seguintes referências: Soares Filho (1994) e sites da Câmara dos Deputados, do Senado Federal e da Diocese de Oeiras. Optamos por inserir tais informações para proporcionar ao leitor uma melhor compreensão de nossas análises. Em alguns casos, contudo, não conseguimos nenhuma informação sobre o(a) homenageado(a). Nessas situações, empregamos um traço (–), para indicar essa ausência.

Com base nos dados constantes no Quadro 1, verificamos que, no que concerne à taxonomia, as avenidas de Oeiras são, em sua maioria – 14 ocorrências ou 56% dos topônimos –, da categoria antropotônimo; outros 40% – o que corresponde a 10 topônimos – pertencem à categoria axiotônimo¹⁴; e com uma ocorrência, o que equivale a 4% do total, há os corotônimos.

No que se refere aos perfis dos homenageados, conforme quadro em análise, de um total de 25 avenidas identificadas, 24 possuem nomes que se referem a pessoas; desse número, no entanto, apenas uma recebe um nome de uma mulher; trata-se do topônimo *Avenida Professora Maria do Amparo*. Portanto, apenas 4% dos nomes de avenidas são referentes a mulheres, enquanto 92% se referem a homens – os outros 4% são relativos ao topônimo *Avenida Teresina*.

Nota-se, ainda, a partir dos dados apresentados, que os homenageados são, em sua maioria, além de homens, pertencentes às atividades profissionais social, histórica e culturalmente privilegiadas¹⁵. Nesse sentido, observa-se que, dos 23 homens homenageados, 12 exerceram algum cargo político. É o caso, por exemplo, dos topônimos *Avenida Duque de Caxias*, *Avenida Presidente Costa e Silva* e *Avenida Rui Barbosa*. Além dos políticos, as avenidas de Oeiras também homenageiam comerciantes – *Avenida Cândido Aleixo* –, fazendeiros – *Avenida Francisco de Abreu* –, magistrados – *Avenida Benedito Martins* –, militares – *Avenida Duque de Caxias* – etc.

Por último, destacam-se os topônimos relativos ao catolicismo, como nomes de padres, cônegos e bispos: *Avenida Cônego Cardoso*, *Avenida Dom Expedito Lopes* e *Avenida Dom Edilberto Dinkelborg*. Todos esses nomes estão diretamente relacionados à Diocese de Oeiras – Antônio Cardoso de Vasconcelos foi um dos principais responsáveis pela sua criação; o segundo foi o primeiro bispo; o último personagem, por sua vez, foi o terceiro bispo da Diocese de Oeiras¹⁶.

2.1.2 Visita às ruas da primeira cidade do Piauí

Oeiras, no ano de 2010, possuía 112 ruas (cf. Quadro 3, em anexo)¹⁷, segundo os mapas e descritivos elaborados pelo IBGE para a elaboração do censo daquele ano. Esses topônimos, por sua vez, pertencem a diversas categorias taxonômicas, a maioria deles – 83,9% –

¹⁴ Destaca-se que os axiotônimos – assim como os antropotônimos – fazem referência a pessoas.

¹⁵ Conforme pode ser verificado na seção *Perfil do homenageado* presente nos quadros que compõem este texto, é muito comum uma mesma pessoa exercer simultaneamente (ou ter exercido consequentemente) diferentes atividades profissionais.

¹⁶ As informações sobre os bispos da cidade de Oeiras, assim como acerca de sua atuação, foram extraídas do site da diocese dessa cidade.

¹⁷ Diferentemente do que fizemos em relação aos nomes das avenidas e das travessas, os nomes das ruas de Oeiras não vêm listados no interior do texto, mas sob a forma de anexo (cf. Quadro 3), em razão ser uma lista longa, o que proporcionaria uma interrupção demorada, afetando, assim, a fluência na leitura do texto.

caracterizados como antropotopônimos (68 ocorrências) e axiotopônimos (26 exemplos). As demais categorias identificadas foram: com três ocorrências – ou 2,7% –, os hagiotopônimos e hierotopônimos; com duas – ou 1,8% –, os ergotopônimos e historiotopônimos; e com uma única ocorrência - o que corresponde a 0,9% –, há os animotopônimos, corotopônimos, etnotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, hodotopônimos, litotopônimos e sociotopônimos.

Ainda em conformidade com o Quadro 3, observa-se que, apesar de o número de mulheres homenageadas ser um pouco maior, se comparado ao que ocorre com as avenidas, ele ainda é muito inferior ao de homens: das 112 ruas identificadas nesta pesquisa, 94 possuem nomes relativos a pessoas; porém, desse total, apenas 13 – um número que corresponde a 13,8% – possuem nomes relativos a mulheres, enquanto 81 nomes – ou 86,2% – prestam homenagens a pessoas do sexo masculino.

Semelhantemente ao que se verificou em relação às avenidas, verifica-se, também, que, no âmbito da toponímia das ruas, os homenageados são, em sua maioria, homens que exerciam alguma atividade profissional de prestígio. Eram, nesse sentido, políticos – *Rua Presidente Getúlio Vargas* –, comerciantes – *Rua Francisquinho Barbosa* –, funcionários públicos – *Rua Cazé Sá* –, fazendeiros – *Rua Pedro Leite* –, médicos – *Rua Doutor Paulo de Tarso* –, jornalistas – *Rua Gérson Campos* –, por exemplo.

Por fim, é importante observar a existência de um número expressivo de topônimos relacionados ao catolicismo, assim como já ocorreu em relação às avenidas – ao todo são 15 ocorrências, correspondendo, assim, a 13,4% –, como nomes de bispos, cônegos, padres, papas, santos(as), entre outros, a exemplo dos que seguem: *Rua Cônego Acelino Portela*, *Rua da Capela*, *Rua João Paulo II*, *Rua Dom Severino*, *Rua Nossa Senhora das Graças*, *Rua Padre Damasceno*, *Rua Padre Freitas*, *Rua Padre Marcos*, *Rua Padre Silva*, *Rua Santa Helena*.

2.1.3 Pelas travessas da antiga capital piauiense

Assim como verificamos em relação ao número de avenidas, há, em Oeiras, também, uma pequena quantidade de travessas: 23 ao todo. Destas ocorrências, 11 caracterizam-se como antropotopônimos, o que equivale a 47,8%. Na sequência, com três ocorrências cada – ou 13% –, aparecem os axiotopônimos. Temos, também, com duas ocorrências cada, os corotopônimos, hierotopônimos e historiotopônimos, números esses que representam, individualmente, 8,7%. Há, ainda, com uma ocorrência cada, os hagiotopônimos, hodotopônimos e ergotopônimos, que correspondem, respectivamente, a 4,3% do total de topônimos. Veja, no Quadro 2, a lista dessas travessas:

Quadro 2. Travessas de Oeiras em 2010

Travessa	Perfil do homenageado	Taxonomia
Benedito Carmo	Artista, barbeiro, marceneiro e delegado de polícia	Antropotopônimo
Brigadeiro Manoel Clementino	Oficial de milícias	Axiotopônimo
Coronel Mundico Sá	Comerciante e político	Axiotopônimo
da Arizona	Faz referência à antiga fazenda Arizona	Corotopônimo
da Capela	Templo cristão secundário	Hierotopônimo
do Congo	República do Congo	Corotopônimo
dos Caldeirões	Faz referência à antiga fazenda Caldeirões	Ergotopônimo
Floriano Peixoto	Militar e político (ex-presidente da República)	Antropotopônimo
Francisco Alves	–	Antropotopônimo
João Nunes	–	Antropotopônimo
João Paulo II	Papa da Igreja Católica	Antropotopônimo
Kenedy	–	Antropotopônimo
Laurentino Pereira Neto	Médico e político	Antropotopônimo
Mestre Elias	–	Axiotopônimo
Natu Reis	Comerciante, fazendeiro e político	Antropotopônimo
Nossa Senhora das Graças	Santa da Igreja Católica	Hierotopônimo
Santa Luzia	Santa da Igreja Católica	Hagiotopônimo
Sebastião Tapety	Agropecuária	Antropotopônimo
Serapião	Santo da Igreja Católica	Antropotopônimo
Sete de Setembro	Data da Independência do Brasil	Historiotopônimo
Transamazônica	BR-230, conhecida como rodovia Transamazônica	Hodotopônimo
Zacarias de Goes Vasconcelos	Político e professor	Antropotopônimo
13 de Maio	Data da abolição da escravidão no Brasil	Historiotopônimo

Fonte: Elaborado pelos Autores

Ao analisarmos o Quadro 2, percebemos um cenário parecido com o encontrado em relação às avenidas e às ruas, seja no que concerne ao sexo dos homenageados, seja quanto à classe social a que pertencem e às atividades profissionais que realizaram.

Assim, das 12 travessas que possuem nomes com referência a pessoas, nenhuma possui nome que faz homenagem a uma mulher, ou seja, todas possuem nomes relativos a homens. Ainda com base nos dados do quadro em análise, verifica-se que a maioria dos homenageados é constituída por pessoas que exerciam atividades profissionais historicamente privilegiadas, atuando como políticos, comerciantes, fazendeiros etc. É o caso, por exemplo, dos topônimos *Travessa Coronel Mundico Sá* e *Travessa Floriano Peixoto*, os quais fazem referência ao comerciante e político Raimundo Nogueira de Sá e ao militar e político (ex-presidente da República) Floriano Vieira Peixoto, respectivamente.

Verifica-se, dessa forma, que os fatores motivadores da nomeação das travessas são os mesmos já apontados quando descrevemos as ruas e as avenidas dessa cidade.

Conclusões

Oeiras é uma cidade cujas origens remontam ao final do século XVII, onde se formaram estruturas de dominação e de exclusão que foram continuadas ao longo do tempo, as quais, de certo modo, ainda podem ser encontradas até hoje, nos nomes de suas avenidas, ruas e travessas. Nesse sentido, considerando os 160 topônimos aqui em análise, algumas informações merecem ser destacadas a título de conclusões, quer concernentes à taxonomia, quer aos fatores que são motivadores para o emprego de um topônimo específico, em detrimento de outro(s).

Esses topônimos contemplam aspectos variados das relações humanas: estados psíquicos – como em *Rua Bela Vista*; relações sociais – em *Rua do Colégio Agrícola*; fatos históricos (nacionais, mas não estadual ou municipal) – como em *Rua Sete de Setembro* e *Travessa 13 de Maio*; religiosos – como verificamos nas homenagens aos santos: *Rua São Miguel*, *Travessa Nossa Senhora das Graças*; a espaços religiosos: *Travessa da Capela*; e a objetos religiosos: *Rua do Cruzeiro*; títulos honoríficos – em *Avenida Cônego Aleixo*, *Rua General Abimael Carvalho*; e pessoas individualizadas – como em *Avenida Rui Barbosa*, *Rua André Holanda* e *Travessa João Nunes*. Destaca-se, contudo, que alguns desses aspectos – os três últimos aqui citados, por exemplo – são mais valorizados que outros, uma vez que identificados em 141 topônimos, o que equivale a 88,1% do total de ocorrências.

Tais dados revelam, pois, uma forte presença do catolicismo (com seus santos, padres, bispos etc.) nesse processo de nomeação, o que é uma consequência de Oeiras ser um importantíssimo centro de tradição católica, com 87,3% de sua população professando essa fé em 2010 (cf. IBGE CIDADES) –, certamente, um reflexo do processo histórico-religioso vivido por essa cidade ao longo período colonial.

Além disso, os dados analisados indicam, também, haver, em Oeiras, um particular apreço à individuação ou personalização, sendo homenageadas, nos nomes de avenidas, ruas ou travessas, pessoas, quer da cidade, quer de outras regiões do Piauí, quer do Brasil. Isso, por si só, não deveria ser motivo de crítica; contudo, quando verificamos, mais detidamente, quem são tais pessoas, observamos a influência decisiva de dois fatores que têm sido histórica e socialmente dominadores da cena brasileira: posição social/atividade profissional; e sexo¹⁸ – os quais, inclusive, não devem ser considerados isoladamente.

As pessoas homenageadas, em sua grande maioria homens (116 de um total de 130, ou 89,2%), estão ligadas aos segmentos político, jurídico, militar, religioso, profissionais liberais etc. e exerciam atividades de médico, juiz ou desembargador, político, fazendeiro, padre ou cônego ou bispo, comerciante, jornalista, advogado, professor, funcionário público, delegado, militar, engenheiro etc. Como é de conhecimento geral, historicamente, as pessoas que tinham acesso a essas posições sociais/atividades profissionais eram as que pertenciam às classes

¹⁸ A nomenclatura *sexo* foi mantida em razão de essa ter sido a utilizada pelo IBGE nos documentos referentes aos censos pesquisados.

sociais e/ou setores dominantes e que, até por isso, tinham acesso ao processo de escolarização (incluindo-se, aqui, a universidade ou instituição equivalente). Raros são os exemplos de homenageados que exerciam (ou em algum momento chegaram a exercer) atividades profissionais tradicionalmente relegadas aos mais pobres, tais como lavrador e barbeiro. Por sua vez, os números de mulheres homenageadas nas avenidas, ruas e travessas correspondem, respectivamente, a 4%, 11,6% e 0%. Essa discrepância em relação ao número de homens homenageados torna-se ainda mais incompreensível e inaceitável em razão não só da inferiorização da importância da atuação das mulheres na sociedade, mas também pelo fato de elas, há mais de quatro décadas, serem, quantitativamente, mais que os homens.

Tais resultados, no entanto, não representam uma realidade particular de Oeiras, visto que também pode ser encontrada em outras regiões do Brasil¹⁹, tal como destaca Nader (2007, p. 71), em relação à cidade de Vitória²⁰:

Passando ao exame do banco de dados oficiais, colhidos junto aos poderes públicos relativos ao período de 1970 a 2000, verificou-se que o município de Vitória, capital do Espírito Santo, contava com 1499 logradouros públicos oficiais. Deste total de logradouros, 1163(77%) possuíam nomes de homens e apenas 239 (17%) possuíam nomes de mulheres. Os outros 97(6%) não possuem nomes de pessoas.

É importante destacar, ainda, em relação a Oeiras, que as mulheres homenageadas foram, em sua maioria, aquelas que exerceram atividades historicamente associadas a elas, em especial, a função de professora. Além disso, também são frequentes os nomes femininos que estão ligados ao ambiente religioso, como nomes de santas ou de pessoas diretamente ligadas à religiosidade da cidade.

Ante a investigação empreendida sobre os nomes das avenidas, ruas e travessas de Oeiras, no Piauí, resta evidente que aqueles que nomeiam, mais que atribuindo um nome a um local, estão apropriando-se dele, estão reafirmando sobre esse espaço e para os que ali vivem, a sua dominação. Faz-se necessário, portanto, a partir dos resultados aqui apresentados, promover uma reflexão acerca da nomeação (atual e futura) das vias públicas – talvez de todos os espaços públicos – dessa cidade.

Com isso, não estamos defendendo que homens e pessoas que pertencem às classes sociais (e que exerçam atividades profissionais) historicamente favorecidas não devam ser homenageados. Nossa argumentação vai, justamente, em sentido contrário: no de promover

¹⁹ Fora do Brasil, verifica-se que as mulheres também são pouco homenageadas no âmbito da toponímia. Assim, de acordo com Boullón Agrelo (2019, p. 6), na Galícia, região da Espanha, poucas são as ruas que recebem nomes de mulheres: “Desde unha perspectiva feminista, María Novas (2018) estuda como, dentro dos nomes conmemorativos, na cidade de Santiago de Compostela os nomes de muller representan unha rechamante minoría: só unha cuarta parte (a maioría posterior a 2007); ademais, nomean vías de categoría inferior: só un 4% das avenidas e dos parques. Aínda así, a porcentaxe de nomes femininos na capital de Galicia é superior á das outras cidades de Galicia.”

²⁰ Outros trabalhos que apresentam resultados semelhantes a estes são Tavares e Velasco (2020) e Araújo (2013) em relação, respectivamente, às cidades de Dourados-MS e Caicó-RN.

uma maior inclusão. Isso, no entanto, somente será possível quando os nomes que são dados às avenidas, ruas, travessas (e demais espaços públicos) de Oeiras alcançarem maior representatividade, prestando homenagem, também, às pessoas mais pobres; às atividades profissionais pouco valorizadas do ponto de vista social; a representantes das diversas religiões existentes na cidade; e, principalmente, que, em todos esses extratos, também seja dado lugar de proeminência às mulheres, não somente por elas serem a maioria dos habitantes da cidade, mas, principalmente, para que não haja um silenciamento acerca de sua participação na sociedade.

Referências

ARAÚJO, C. M. de. *A representação da mulher e as questões de gênero na toponímia urbana de Caicó-RN*. Dissertação (Mestrado em História e Espaços). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/16979/1/ClaudiaMA DISSERT.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.

AZARYAHU, M. Renaming the past in post-Nazi Germany: insights into the politics of street naming in Mannheim and Potsdam. *Cultural geographies*, v. 19, n. 3, p. 385–400, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474474011427267>. Acesso em: 20 fev. 2023.

BERG, L.; VUOLTEENAHO, J. Towards Critical Toponymy. In: BERG, L.; VUOLTEENAHO, J. (Ed). *Critical toponymies: the contested politics of place naming*. Ashgate: UK, 2009, p. 1-11. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285634161_Towards_critical_toponymies. Acesso em: 20 fev. 2023.

BOÚLLON AGRELO, A. I. Limiar. In: BOÚLLON AGRELO, A. I.; MÉNDEZ, L. *Estudos de Onomástica Galega IV: os nomes das rúas*. Pontevedra: Real Academia Galega, 2019, p. 5-14. Disponível em: <http://publicacions.academia.gal/index.php/rag/catalog/book/360>. Acesso em: 20 fev. 2023.

BRANDÃO, T. M. P. *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: EdUFPI, 2015.

BRASIL. *Lei nº 9.503*, de 23 de setembro de 1997. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 135, n.184, p. 21201-21246, 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19503.htm. Acesso em: 23 ago. 2022.

BRASIL. *Manual de projeto geométrico de travessias urbanas*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Rodoviárias, 2010.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Deputados: quem são*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/quem-sao>. Acesso em: 29 ago. 2023.

CARVALHINHOS, P. Topônimo-monumento, herança imaterial em São Paulo (Brasil): combatendo o apagamento toponímico. *Apropos* [Perspektiven auf die Romania], Nr. 8: Toponyme und Erinnerungskultur in der Romania: Hamburg University Press, p. 14-30, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15460/apropos.8.1928>. Acesso em: 19 fev. 2023.

COWAN, R. *The dictionary of urbanism*. Tisbury; Wiltshire: Streetwise Press, 2005.

DICK, M. V. P. A. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo (1554-1897)*. São Paulo: Annablume, 1997.

DICK, M. V. P. A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

LINHA D'ÁGUA

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DIOCESE DE OEIRAS. Diocese: galeria dos bispos, 2017. Disponível em: <https://diocesedeoeiras.org/bispos/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

FAGGION, C. M.; MISTURINI, B. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. *Linha D'Água*, v. 27, n. 2, p. 141-157, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/83370>. Acesso em: 07 ago. 2022.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. Tradução Paulo Alcoforado. 2 ed. São Paulo: EdUSP, 2009, p. 129-158.

IBGE CIDADES. Oeiras: panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/oeiras/panorama>. Acesso em: 30 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Cartas e mapas – mapas para fins de levantamentos estatísticos – 2010b*. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_e_descritivos_de_setores_censitarios/PI/. Acesso em: 20 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo demográfico 1980: dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade: Piauí*. v. 8. Rio de Janeiro: IBGE, 1980. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n8_pi.pdf. Acesso em: 22 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo demográfico 1991: resultados preliminares*. Rio de Janeiro: IBGE, 1992. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv22894.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo demográfico 2000: características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/85/cd_2000_caracteristicas_populacao_domicilios_universo.pdf. Acesso em: 22 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo demográfico 2010: manual do recenseador: CD – 1.09*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc2601.pdf. Acesso em: 26 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Introdução à padronização de nomes geográficos*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010c.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Sinopse do Censo Demográfico 2010: Piauí: população residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os municípios – 2010d*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=27&uf=22>. Acesso em: 31 ago. 2022.

ISQUERDO, A. N.; DARGEL, A. P. T. P. A macrotoponímia nos municípios sul-mato-grossenses: mecanismos de classificação semântica. In: ISQUERDO, A. N. (Org.). *Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul*. v. 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020, p. 228-272. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3549>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MOTT, L. *O Piauí colonial: população, economia e sociedade*. 2 ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010.

NADER, P. M. F. *A sutileza da discriminação de gênero na nomenclatura dos logradouros públicos: Vitória-ES, 1970-2000*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3388>. Acesso em: 20 fev. 2023.

LINHA D'ÁGUA

OEIRAS. *Lei Orgânica Municipal de Oeiras*: texto atualizado e adequado à Constituição do Estado do Piauí, desde as Emendas nºs 1/1991 a 41/2013, bem como à Constituição da República Federativa do Brasil, abrangendo até a Emenda nº 73/2013. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1990/2014. Disponível em: <https://www.oeiras.pi.leg.br/institucional/regimento-interno/lei-organica.pdf/view>. Acesso em: 20 fev. 2022.

OLIVEIRA, V. *Urban morphology: an introduction to the study of the physical form of cities*. Suíça: Springer, 2016.

PEREIRA DA COSTA, F. A. *Cronologia histórica do Estado do Piauí*: desde os seus tempos primitivos até a proclamação da República. 2 ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

PLATÃO. *Crátilo, ou sobre a correção dos nomes*. Tradução Celso Vieira. São Paulo: Paulus, 2014.

ROSE-REDWOOD, R.; ALDERMAN, D.; AZARYAHU, M. Geographies of Toponymic Inscription: New Directions in Critical Place-Name Studies. *Progress in Human Geography*, v. 34, n. 4, p. 453–470, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249872329_Geographies_of_Toponymic_Inscription_New_Directions_in_Critical_Place-Name_Studies. Acesso em: 20 fev. 2023.

SANTOS, L. E. N. Toponímia e lugar: os significados múltiplos dos logradouros públicos no município de Grajaú, MA. *Caderno de Geografia*, v. 30, n. 62, p. 612-626, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/22782>. Acesso em: 08 ago. 2022.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Séchehaye. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEABRA, M. C. T. C.; FARIA, G. C. S. Toponímia urbana: nomes de ruas da cidade mineira de Ponte Nova. *Caletrosópio*, v. 4, p. 602-613, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/caletrosopio/article/view/3683>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SEABRA, M. C. T. C.; ISQUERDO, A. N. A onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018.

SENADO FEDERAL. Senadores. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SOARES FILHO, A. R. *Oeiras: geografia urbana*. Teresina: Júnior, 1994.

TAVARES, M.; VELASCO, D. O. B. Nomes de mulheres na Toponímia Urbana de Dourados – MS. *Web Revista Sociodialeto*, v. 10, n. 30, p. 315-328, 2020. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/264>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ZOIDO NARANJO, F. *et al. Diccionario de geografía urbana, urbanismo y ordenación del territorio*. Barcelona: Ariel, 2000.

Apêndice

Quadro 3. Ruas de Oeiras em 2010

Rua	Perfil do homenageado	Taxeonomia
André Holanda	Comerciante, proprietário urbano e delegado de polícia	Antropotopônimo
Antônio Gentil	Cirurgião dentista	Antropotopônimo
Antônio Mendes	Magistrado	Antropotopônimo
Artaxerxes Sá	Comerciante e proprietário rural	Antropotopônimo
Augusto Brandão	–	Antropotopônimo
Bela Vista	–	Animotopônimo
Benedito Carmo	Artista, barbeiro, marceneiro e delegado de polícia	Antropotopônimo
Benedito Carneiro	Mestre de obras	Antropotopônimo
Benedito Custódio	–	Antropotopônimo
Benjamin Constant	Militar, engenheiro civil e político	Antropotopônimo
Brigadeiro Manoel Clementino	Oficial de milícias	Axiotopônimo
Cândido Aleixo	Comerciante, proprietário urbano e marceneiro	Antropotopônimo
Cândido Holanda	Médico, dentista e professor	Antropotopônimo
Cazé Sá	Funcionário público e comerciante	Antropotopônimo
Childerico de Alencar Freitas	Estudante universitário	Antropotopônimo
Clodoaldo Freitas	Magistrado, poeta, historiador, crítico literário e político	Antropotopônimo
Comadre Ana	Filha do Doutor Joaquim Newton de Carvalho e responsável por organizar a procissão de Santo Antônio	Axiotopônimo
Cônego Acelino Portela	Padre secular e cônego da Igreja Católica	Axiotopônimo
Cônego Cardoso	Padre secular e cônego da Igreja Católica	Axiotopônimo
Cônego João	Padre secular, cônego da Igreja Católica e político	Axiotopônimo
Coronel Benedito Nunes	Fazendeiro, político e proprietário urbano	Axiotopônimo
Coronel Luís Rego	Comerciante e político	Axiotopônimo
Coronel Mundico Sá	Comerciante e político	Axiotopônimo
Coronel Rodolfo Rego	Comerciante e político	Axiotopônimo
da Arizona	Faz referência à antiga fazenda Arizona	Corotopônimo
da Bica	Faz referência à localidade Bica	Hidrotopônimo
da Capela	Templo cristão secundário	Hierotopônimo
Dagoberto Carvalho	Jurista, provisionado e funcionário público	Antropotopônimo
Darinha Reis	–	Antropotopônimo
da Rodovia	Via destinada ao tráfego de veículos	Hodotopônimo
Deca Barbosa	Comerciante	Antropotopônimo
do Colégio Agrícola	Faz referência ao Colégio Agrícola	Sociotopônimo
do Cruzeiro	Monumento representado por uma Cruz colocada normalmente na área externa das igrejas	Hierotopônimo
do Morro	–	Geomorfotopônimo
Dom Severino	Arcebispo da Igreja Católica	Axiotopônimo
Dona Joana	–	Axiotopônimo
do Poço	–	Ergotopônimo
dos Caldeirões	Faz referência à antiga fazenda Caldeirões	Ergotopônimo
dos Colonos	–	Etnotopônimo
Doutor da CEPISA	–	Axiotopônimo
Doutor Manoel Rodrigues	Médico e professor	Axiotopônimo
Doutor Paulo de Tarso	Médico e funcionário público	Axiotopônimo
Eliseu Barroso	Comerciante, proprietário urbano e fazendeiro	Antropotopônimo
Ernesto Ferreira	Comerciário, político e funcionário público	Antropotopônimo

Evarista Sousa	–	Antropotopônimo
Farmacêutico Alberto Rego	Farmacêutico	Axiotopônimo
Francisquinho Barbosa	Comerciante	Antropotopônimo
General Abimaél Carvalho	Oficial do exército brasileiro e general de divisão	Axiotopônimo
Gerson Campos	Sociólogo, poeta, professor, jornalista e funcionário público	Antropotopônimo
Godofredo Carvalho	Comerciante e proprietário rural	Antropotopônimo
Henrique Sousa Primo	–	Antropotopônimo
Inácio Bruno	–	Antropotopônimo
Isaac Sérvio	Magistrado e professor	Antropotopônimo
Higino Vieira	Comerciante	Antropotopônimo
João Ferraz	Comerciante, fazendeiro, proprietário urbano e político	Antropotopônimo
João Matos	–	Antropotopônimo
João Nunes	–	Antropotopônimo
João Paulo II	Papa da Igreja Católica	Antropotopônimo
Joel Campos	Funcionário público, proprietário rural e político	Antropotopônimo
José Lustosa	Proprietário rural e político	Antropotopônimo
José Maria Mesquita	Comerciante, proprietário rural e político	Antropotopônimo
José Sérvio	Médico, político e professor	Antropotopônimo
Juscelino Kubitschek	Médico e político (ex-presidente da República)	Antropotopônimo
Justina Rodrigues	–	Antropotopônimo
Laurentino Pereira Neto	Médico e político	Antropotopônimo
Leocádio Amâncio	Comerciante	Antropotopônimo
Luzia do Leme	–	Antropotopônimo
Major Doca Nunes	Político, fazendeiro, comerciante e proprietário rural	Axiotopônimo
Manoel Barbosa	–	Antropotopônimo
Manoel Viana	–	Antropotopônimo
Maria Eulália	–	Antropotopônimo
Mariano Mará	Lavrador e comerciante	Antropotopônimo
Miguel Oliveira	Comerciante e político	Antropotopônimo
Nogueira Tapety	Poeta, promotor público, jornalista e professor	Antropotopônimo
Nossa Senhora das Graças	Santa da Igreja Católica	Hierotopônimo
Otacílio de Carvalho	–	Antropotopônimo
Padre Damasceno	Padre secular da Igreja Católica	Axiotopônimo
Padre Freitas	Padre secular da Igreja Católica	Axiotopônimo
Padre Marcos	Padre secular da Igreja Católica	Axiotopônimo
Padre Silva	Padre secular da Igreja Católica	Axiotopônimo
Pedreira	–	Litotopônimo
Pedro Leite	Fazendeiro e proprietário rural	Antropotopônimo
Presidente Getúlio Vargas	Jornalista, advogado e político (ex-presidente da República)	Axiotopônimo
Professor Rafael Farias	Professor e funcionário público	Axiotopônimo
Professora Maria do Amparo	Professora	Axiotopônimo
Quincas Rufino	Agropecuário e funcionário público	Antropotopônimo
Quinco Pinheiro	–	Antropotopônimo
Quintinha Campos	Professora e funcionária pública	Antropotopônimo
Quintino Bocaiúva	Político, jornalista e advogado	Antropotopônimo
Raimundo da Zefinha	–	Antropotopônimo
Raimundo Laurentino	–	Antropotopônimo
Raimundo Portela	Ourives	Antropotopônimo
Raimundo Queiroz	Comerciante, fazendeiro e proprietário urbano	Antropotopônimo
Ritinha Campos	Filha de Cândido Mendes Vieira e Rosa Luísa Campos e casada com Francisco Rodrigues Campos. Era uma pessoa extremamente religiosa e dedicada à família	Antropotopônimo
Santa Helena	Santa da Igreja Católica	Hagiotopônimo
Santos Dumont	Cientista e aviador	Antropotopônimo

São Benedito	Santo da Igreja Católica	Hagiotopônimo
São Miguel	Santo da Igreja Católica	Hagiotopônimo
Sebastião Barbosa	Fazendeiro, comerciante e político	Antropotopônimo
Sebastião Tapety	Agropecuarista	Antropotopônimo
Sete de Setembro	Data da Independência do Brasil	Historiotopônimo
Sinhá Soido	Professora	Axiotopônimo
Tabelião Galeno	Funcionário público	Axiotopônimo
Tibério Barbosa Nunes	Médico, político e funcionário público	Antropotopônimo
Tibério Burlamaque	Jornalista, poeta, político e comerciante	Antropotopônimo
Vitória Rodrigues	–	Antropotopônimo
Walber Mendes Reis	–	Antropotopônimo
Walburg Ribeiro Gonçalves	Comerciante, fazendeiro, político e funcionário público	Antropotopônimo
Zacarias de Goes Vasconcelos	Político e professor	Antropotopônimo
Zeca Lopes	Funcionário público municipal	Antropotopônimo
Zeferino Alvarenga	–	Antropotopônimo
13 de Maio	Data da abolição da escravatura no Brasil	Historiotopônimo

Fonte: Elaborado pelos Autores